

REVELANDO O PATRIMÔNIO CULTURAL DO CAMPUS RECIFE DA UFPE

UNVEILING THE CULTURAL HERITAGE OF THE UFPE RECIFE CAMPUS

Ana Catarina Peregrino Torres Ramosⁱ

Gabriela de Andrade Monteiroⁱⁱ

Ravena Barbosa Machado de Souzaⁱⁱⁱ

Renata Alves Lucena^{iv}

Resumo: Fundada em junho de 1946, a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) representa uma importante instituição pública de ensino superior do país. Seu primeiro *campus*, situado no bairro da Várzea, Recife-PE, caracteriza-se por ser um espaço com valor social, cultural e ambiental para o Estado. Esta pesquisa buscou entender as relações que a comunidade acadêmica tem com o patrimônio material do *Campus*. Foi proposto a elaboração de um modelo de Inventário Participativo que teve como objetivo: identificar quais elementos eram mais valorados; e levantar dados que auxiliem no entendimento da identificação do patrimônio e dos vínculos afetivos do indivíduo com o espaço da UFPE. Constatou-se uma correlação entre o tempo de permanência e o reconhecimento de um número maior de bens patrimoniais no Campus; e um desconhecimento da existência de um sítio arqueológico, do acervo paleontológico e dos Museus de Oceanografia e de Minerais e Rochas. Em contrapartida, ressaltou-se uma valorização dos espaços culturais e naturais do Campus. Desta forma, tal proposta pretende contribuir com a disseminação do conhecimento sobre os bens culturais do Campus, para que eles sejam reconhecidos e, então, mais bem preservados. **Palavras-Chave:** Patrimônio Cultural; Inventário Participativo; UFPE

Abstract: Founded in June 1946, the Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) represents an important public institution of higher education in the country, and its first campus, located in the Várzea neighborhood, Recife-PE, is characterized by being a space with social, cultural and environmental value for the state. This research sought to understand the relationships that the academic community has with the material heritage of the Campus. To this end, the development of a Participatory Inventory model was proposed to: identify which elements were most valued; gather data that can help in understanding the identification of the heritage and the individual's affective bonds with the UFPE space. The results obtained showed a correlation between the length of stay and the recognition of a greater number of heritages on the Campus; and a lack of knowledge about the existence of an archaeological site on the Campus, the paleontological collection, and the Museums of Oceanography and Minerals and Rocks. In contrast, a valorization of cultural and natural spaces of the Campus was reported. Therefore, this proposal intends to contribute to the dissemination of knowledge about the cultural assets of the campus, so that they are recognized and, hence, better preserved. **Key Words:** Cultural Heritage; Participatory Inventory; UFPE

ⁱDocente do Departamento de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. E-mail: ana.tramos@ufpe.br

ⁱⁱDiscente do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco – Univasf. gabrieladeandrademonteiro@gmail.com.

ⁱⁱⁱDiscente do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Preservação do Patrimônio da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. E-mail: ravena.souza@hotmail.com

^{iv}Discente do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Preservação do Patrimônio da Universidade Federal de Pernambuco-UFPE. E-mail: lucena_renata@live.com

Introdução

O Patrimônio Cultural é um bem que tem a capacidade de comunicar, sensibilizar e agregar conhecimento ao seu espectador. Quando há um reconhecimento do patrimônio por parte desse público, inicia-se um processo de valorização dos bens culturais que deve sempre ser buscado e que precisa ser sempre continuado. Todavia, apesar de muito desejada, a preservação patrimonial acaba sendo pouco praticada no dia a dia e muitas vezes associada apenas a grandes ações como as intervenções conservativas ou restaurativas.

Dentre as práticas recomendadas para uma boa gestão patrimonial, destaca-se a elaboração do Inventário Participativo, o qual constitui um elemento que contribui tanto para a gestão quanto para a Educação Patrimonial. Esse tipo de inventário é desenvolvido por meio de consulta popular e tem como objetivo principal a construção de um conhecimento coletivo que contribui para o Plano de Gestão do Patrimônio.

O Inventário Participativo

Partindo desta ideia, esse trabalho buscou entender as relações que a comunidade acadêmica tem com o patrimônio material, natural e construído, do Campus Recife da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Dessa forma, propomos a elaboração de um modelo de Inventário Participativo que tem como objetivo produzir dados que possam auxiliar o entendimento sobre questões relacionadas à identificação do patrimônio e sobre as relações afetivas do indivíduo com o espaço da UFPE. Da mesma forma, pretende-se contribuir com a disseminação do conhecimento sobre os bens culturais do campus Recife, para que eles sejam reconhecidos e, então, mais bem preservados.

Nesse sentido, ressaltamos que a proposta de elaboração de um Inventário Participativo do Campus Recife - UFPE deve ter por objetivo subsidiar a elaboração de um Plano de Gestão Patrimonial que vise gerir de maneira sustentável seu espaço e bens. Essa proposta iria ao encontro de iniciativas que já se observam por parte da gestão da UFPE no que se refere a preservar o seu Patrimônio Cultural, por exemplo, quando esta reconhece no seu Plano Diretor, que se propôs a estudar, planejar e propor diretrizes e estratégias urbanas para o campus, as áreas de preservação e edificações de grande valor para a história da universidade.

Em vista disso, foram estabelecidas algumas etapas para o desenvolvimento do trabalho: 1) Pesquisa Conceitual; 2) Pesquisas Históricas do campus; 3) Elaboração e Aplicação do Modelo

de Inventário Participativo; 4) Análises dos Dados Obtidos. Para a aplicação do questionário do Inventário Participativo foram utilizados dois tipos de abordagem: uma por meio digital e outra pessoal (entrevistas pessoais).

A partir dos dados obtidos com o questionário observou-se que existe uma relação entre o interesse de preservação de um lugar e o uso desse espaço; o tempo em que a pessoa frequenta o campus e o reconhecimento dos bens da UFPE. Assim, pode-se concluir que existem vários fatores que interferem na preservação dos bens culturais e que a solução dessas questões depende da articulação de toda a comunidade acadêmica da UFPE.

O que é um Inventário Participativo?

Antes de definirmos o que é um Inventário Participativo, é preciso entender o que é um Inventário dentro do contexto no qual trabalhamos. Para o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), que preza pela salvaguarda do Patrimônio Cultural no Brasil, “inventariar é um modo de pesquisar, coletar e organizar informações sobre algo que se quer conhecer melhor” (IPHAN, 2016: 7). A partir deste conceito, entende-se então que “o Inventário é um método, um instrumento de identificação de bens culturais tanto imateriais, quanto materiais” (IPHAN, 2000: 8).

Em 1999, o IPHAN integrou ao Inventário Nacional de Referências Culturais (INCR) a Política Nacional do Patrimônio Imaterial, que se concretizou com o Decreto Federal nº 3.551/2000. É a partir do desdobramento dessa política que surge o Inventário Participativo. O que distingue o Inventário Participativo do INCR é que este, por sua vez, é uma atividade de Educação Patrimonial, que tem como um de seus objetivos tornar a comunidade a protagonista do inventário e não os pesquisadores, envolvendo o máximo possível de pessoas no seu processo de construção.

A Educação Patrimonial consiste em um processo permanente e sistemático, além de ser constituído por todos os processos educativos formais e não formais, que têm como foco o Patrimônio Cultural. A participação da comunidade dentro da ação educativa é essencial, é a partir dela que se constrói coletiva e democraticamente um conhecimento por meio de diálogo.

Dentro deste processo educacional, é preciso entender a relação dos patrimônios culturais ao turismo, meio ambiente, educação, saúde, desenvolvimento urbano, e outros campos

relacionados. O Patrimônio Cultural deve ser visto como tema transversal, interdisciplinar e/ou transdisciplinar, ato essencial ao processo educativo para potencializar o uso dos espaços públicos e comunitários como espaços formativos (Iphan, 2014). Trata-se de um processo diferente de escolarização, sendo mais amplo e abrangente, envolvendo vivências simbólicas, educacionais e culturais.

A partir do momento que se entende o patrimônio desta forma e a importância da aplicação da educação dentro deste processo começam a surgir os primeiros Inventários Participativos. Eles são elaborados através de uma série de atividades previamente planejadas que podem ser divididas em duas etapas: campo e laboratório, onde são recolhidos e organizados os dados. Estas atividades envolvem entre elas pesquisas, entrevistas e fichas. A etapa das pesquisas deve ser realizada em livros, revistas, jornais, fotografias, internet, centros culturais, arquivos, bibliotecas, museus e instituições, todos estes visando a temática cultural.

As entrevistas devem seguir um roteiro base para que sejam coletadas as informações pertinentes ao item que será inventariado, mas que não deve ser fixo e obrigatório. A ideia principal é que haja uma conversa informal, onde algumas respostas e dúvidas fluirão no seu percurso. No Manual de Aplicação dos Inventários Participativos, são apresentados modelos de fichas que podem ser utilizados na elaboração do inventário no qual se trabalha, mas assim como o roteiro, é apenas uma base. De acordo com as necessidades, elas podem sofrer alterações para que sejam adequadas aos bens inventariados.

E por falar em bens, quais deles podem ser inventariados? Como já dito, podem ser inventariados bens materiais e imateriais, sendo estes os relacionados no Inventário Participativo: lugares, objetos, celebrações, formas de expressão e saberes.

A partir da aplicação destes métodos e da criação do inventário, é possível chegar a um plano de gestão que abranja os dois lados envolvidos: a instituição e a comunidade. O plano é conduzido por uma equipe responsável de pesquisadores, que estiveram à frente da elaboração do inventário, mas principalmente, deve ser baseado naquilo que há de mais significativo, as pessoas que se expressaram sobre os bens que desejam inventariar, que são os principais personagens dentro deste grande projeto.

São eles que farão com que as ideias, metas e objetivos traçados no Plano de Gestão seja um trabalho contínuo, e não temporário, eles que vivenciarão de fato, aquilo que será aplicado dentro dos espaços. Construir um plano de gestão sem consultar a comunidade, é como

construir um projeto sem um direcionamento, e sem a garantia de haja a devida manutenção, tão necessária à sua continuidade.

O Contexto Histórico e Patrimonial da Ufpe

História

Em junho de 1946 o então Presidente da República Eurico Gaspar Dutra, por meio do Decreto-Lei nº 9388, instituiu a criação da Universidade Federal de Pernambuco (Figura 1). Essa iniciativa unificou algumas instituições de ensino superior do Recife, como a Faculdade de Direito, Filosofia, Medicina – incluindo as Escolas de Odontologia e Farmácia – e de Engenharia, além da Escola de Belas Artes de Pernambuco, algumas das quais com mais de um século de existência.



Figura 1: Mapa de Localização da UFPE. Fonte: Autoras, 2021.

Com a fundação da UFPE começam os esforços por parte do Governo Federal e do então Reitor Joaquim Amazonas em conseguir verbas para a construção de toda a estrutura da Cidade Universitária. De acordo com Campello (2006: 105) a criação dessa universidade teria “relação

com a vontade de dirigentes e intelectuais de minimizar as desigualdades entre o Nordeste e as outras regiões do país e de apagar a miséria e o subdesenvolvimento dessa região”.

É nesse contexto que no início dos anos 50 é posto em prática o primeiro Plano Diretor da UFPE (Figura 2), proposto pelo Arquiteto Mario Russo. Aos poucos são construídos os primeiros prédios que passaram a sediar os cursos e faculdades já existentes. O local escolhido para sediar o campus fica em uma grande área verde localizada entre o bairro da Várzea e do Engenho do Meio, e possui aproximadamente 1.615.850 m² (Plano, 2015).

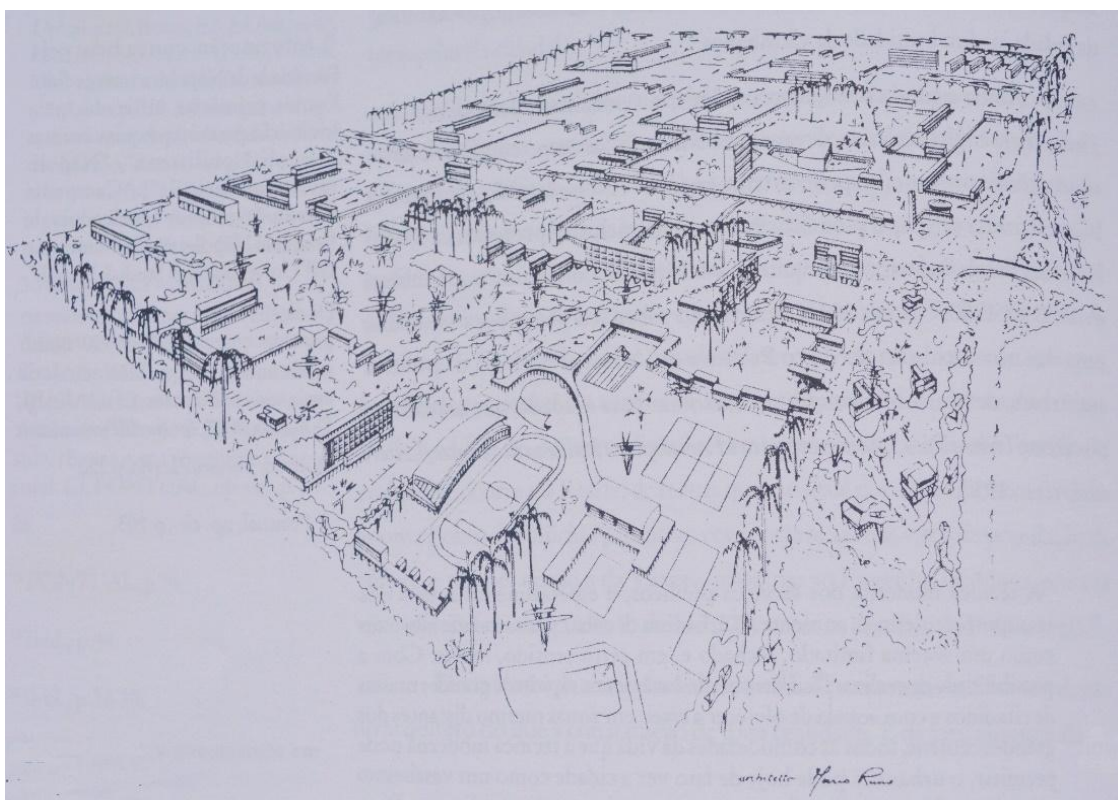


Figura 2: Primeiro Plano Diretor da UFPE. Fonte: Campello, 2006.

Nessa região, na antiga Várzea do Capibaribe, ainda na primeira metade do século XVI situava-se um dos três mais importantes engenhos da época, o Engenho do Meio, de propriedade de João Fernandes Vieira. Desde então essa região vem sendo ocupada, começando sua consolidação “em 1612, ano em que foi erguida a Matriz de Nossa Senhora do Rosário, que foi responsável por abrigar a primeira freguesia suburbana do Recife” (Plano, 2015: 9).

No início do século XX ocorre a modificação do uso do espaço e o engenho passa a ser a Usina Meio da Várzea, funcionando de 1904 a 1937. Em 1946, com o parcelamento das terras do

antigo engenho, é criado o Parque Residencial do Engenho do Meio da Várzea, sendo a UFPE a principal compradora do loteamento (Cabral, 2006).

Ao longo desses 75 anos de história da UFPE, foram propostos sete planos diretores diferentes para o campus Joaquim Amazonas. Estes muitas vezes não apresentavam uma preocupação em preservar o traçado original do plano, ou mesmo do anterior, e propunham novas diretrizes e modelos a serem implantados no campus. Da mesma forma, a maioria destes planos foi executada apenas em seus estágios iniciais.

O primeiro plano diretor de 1949, liderado por Mario Russo, tinha como mote as ideias modernistas de cidade, que buscavam por autonomia e desenvolvimento, incorporando a valorização das grandes áreas verdes equipadas com espaços de convívio e lazer. De acordo com Campello (2006), nesse plano se reconhece o valor histórico-cultural da Casa Grande do Engenho do Meio, tornando-a residência oficial do reitor, porém, apenas por alguns anos.

Na sequência vêm os planos de 1957 e 1961, dos quais não se possui muita informação, apenas algumas plantas no arquivo pessoal de Mario Russo. São nesses planos que surgem pela primeira vez a representação do leito do Riacho de Cavouco, explorado como recurso paisagístico, que atravessa sinuosamente toda a Cidade Universitária (Campello, 2006; Plano 2015).

Em 1977 o Paisagista Roberto Burle Marx coordenou a equipe que apresentou o quarto plano que se destacava por supervalorizar as áreas verdes, tendo sido projetado nesse plano o atual jardim do Departamento de Hotelaria e Turismo, atualmente o único jardim de Burle Marx no campus (Moreira *et al*, 2019).

Em 1985, começa a ser posto em prática o quinto plano (Figura 3A) que “tenta resgatar o desenho urbano dos planos anteriores” (Plano, 2015: 12) e se preocupa com questões relacionadas à infraestrutura básica – como rede de abastecimento de água e esgoto – e racionalização dos espaços do campus. O penúltimo plano (Figura 3B), em 2005, foi liderado pelo Arquiteto Antônio José do Amaral e tinha como ideia principal a preservação das características marcantes do local e se propôs a fazer uma revisão e atualização do plano de 1985. No ano de 2015 é apresentado o último plano coordenado pela Arquiteta e Professora Vilma Villarouco, que vem servindo de referência até os dias atuais.

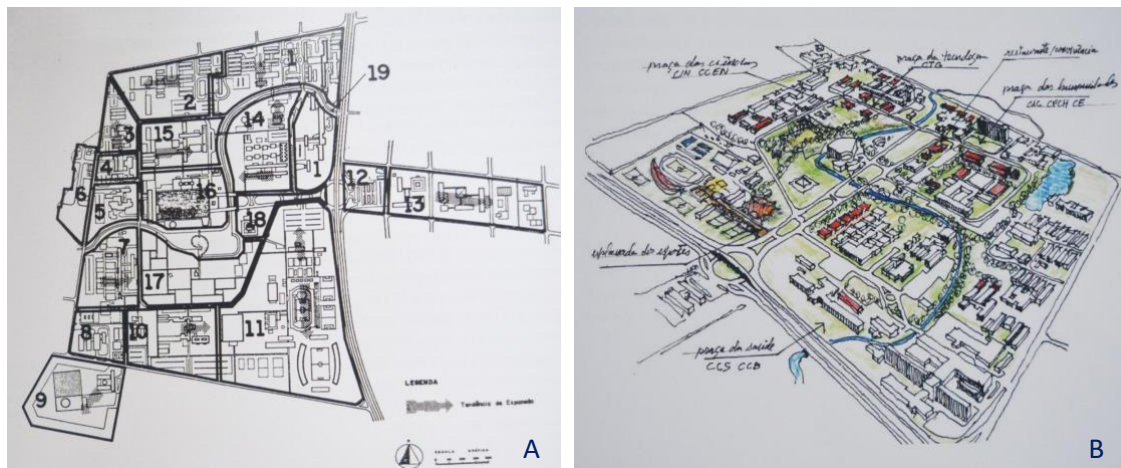


Figura 3: (A) Quinto Plano Diretor da UFPE. (B) Sexto Plano Diretor da UFPE. Fonte: Plano, 2015.

Na proposta de 2015 (Figura 4A) “a principal diretriz norteadora é focar o campus como um Parque do Conhecimento. A preservação do verde é um dos principais focos do trabalho, cuidando também de áreas de convivência e de convergência [...]” (Plano, 2015: 7). Mesmo divergindo na maioria dos pontos, esses planos compartilham a ideia de que o campus deveria ser entendido como um grande parque, capaz de proporcionar áreas verdes e de lazer não só para a comunidade acadêmica, mas também aos moradores dos bairros no entorno. Outro ponto de convergência desses planos é o reconhecimento da importância do Canal do Cavouco (Figura 4B) para o campus, uma vez que em todos é observada a presença de medidas que visam a requalificação do canal e a valorização das áreas que o margeiam.



Figura 4: (A) Sétimo Plano Diretor da UFPE. (B) Canal do Cavouco. Fonte: Plano, 2015.

Cientes do papel que o campus possui para a universidade e para a sociedade, Moreira *et al.* (2019) destacam que é importante reconhecer, para melhor preservar, que o campus possui:

valor cultural (representa a ideia de progresso por meio dos amplos espaços criados pela arquitetura e urbanismo modernos); valor social (representa os esforços das elites intelectuais locais para transformar a sociedade pernambucana por meio da educação; valor estético (pela experiência espacial por meio da integração visual entre as massas e vazios) e valor documental (novas formas de pensar o espaço e novas técnicas de construção) (Moreira *et al.* 2019: 12-13).

Patrimônio

Entendendo seu papel enquanto polo difusor de ciência e cultura na região, a UFPE reconhece seu “grande potencial artístico e cultural mesmo constatando que este vem sendo explorado, ainda com alguma timidez” (Plano, 2015: 16). Durante a primeira década dos anos 2000 o campus era palco para várias atividades culturais promovidas não só pela comunidade acadêmica, mas pela sociedade como um todo. Devido a diversos fatores, como questões financeiras e de segurança, essas atividades vêm se tornando cada vez mais esporádicas.

A fim de mudar esse cenário, foram tomadas algumas medidas, por parte da reitoria, como a reformulação da Pró-Reitoria de Extensão que passou a se chamar Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, a criação do Comitê Curador de Cultura da UFPE e a requalificação e revitalização do Complexo Cultural da UFPE, que conta com um centro de convenções e uma concha acústica.

Além da reforma do complexo cultural, que se encontra em andamento desde o ano de 2018 e que, recentemente, recebeu um aporte financeiro para concluir a adequação do teatro, o Plano Diretor de 2015 se mostra sensível em relação ao patrimônio cultural edificado da universidade, uma vez que ressalta a necessidade de se discutir questões relacionadas à manutenção e conservação dos prédios mais antigos, muitos dos quais se configuram como edificações de grande valor arquitetônico e artístico (Moreira *et al.*, 2019).

Construídos na segunda metade do século XX, os prédios do Hospital das Clínicas, a Escola de Medicina e o Instituto de Antibióticos (Figura 5A) – de Mario Russo, a biblioteca Central – de Maurício de Castro, o Centro de Artes e Comunicação – de Reginaldo Esteves e Adolfo Jorge, e o Centro de Filosofia e Ciências Humanas (Figura 5B) – de Filippo Melia, são algumas das edificações que “merecem um olhar especial pela representatividade no patrimônio arquitetural da cidade e do campus” (Plano, 2015: 15) uma vez que são “significativos exemplares de edifícios modernos, que merecem ser preservados para as futuras gerações” (Plano, 2015: 27).

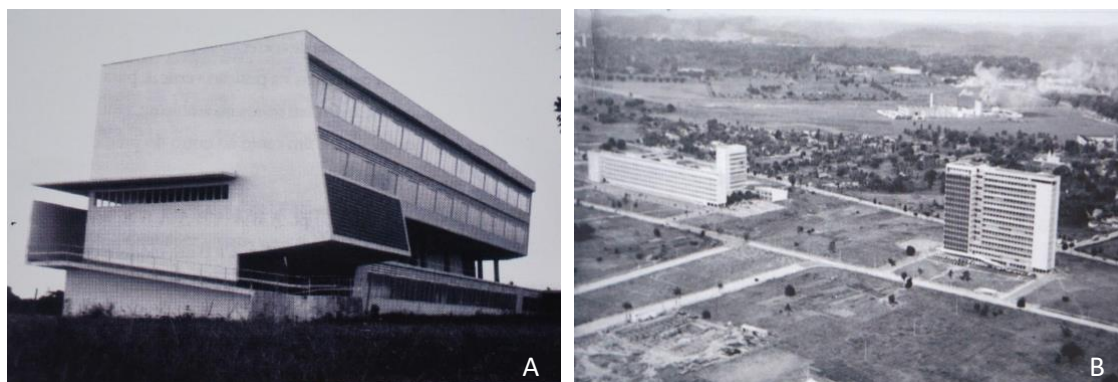


Figura 5: (A) Prédio do Instituto de Antibióticos da UFPE. (B) Prédios do CTG e CFCH no Início da Construção da UFPE. Fonte: Plano, 2015.

Para além das edificações, o plano também destaca a importância do eixo central do campus, também conhecido como eixo cívico, das áreas de lazer e esporte – como o Clube Universitário, o Núcleo de Educação Física e a pista de *cooper* – e principalmente das grandes áreas verdes do campus, que juntas são consideradas um bem cultural natural da UFPE, sendo de grande interesse a sua preservação.

De acordo com a equipe responsável pelo plano diretor, a associação da grande área verde com o curso de água do riacho do Cavouco faz com que o território da Universidade seja reconhecido como um relevante patrimônio ambiental. Todavia, já nesse texto é destacado que “esse patrimônio ambiental, urbanístico e arquitetônico já apresenta sinais de má conservação e de descaracterização” (Plano, 2015: 27) e ressalta-se a necessidade de se almejar ações de gestão patrimonial.

Dentre as principais propostas do Plano, no que se refere a ações de preservação (Figura 6), destacam-se as seguintes ações:

- a) Valorização das paisagens e das áreas verdes: reconhecimento das várias unidades, significados e características das paisagens do campus, por parte da comunidade acadêmica e local; replantio de diferentes espécies, nativas e exóticas, capazes de atrair diferentes espécies animais, reforçando assim a importância dos bens naturais para o campus;
- b) Criação do Parque linear do Cavouco e do Parque de Lazer da Lagoa do Cavouco: o primeiro projeto prevê a despoluição das águas, o replantio de espécies vegetais de mata ciliar para servir de suporte para a ave-fauna e animais silvestres e para a ampliação da pista de *cooper*; o segundo projeto prevê que a área em questão se torne um grande espaço de convívio e interação social e que esteja equipado com os mais diversos equipamentos urbanos;

c) Criação do Parque Histórico e Cultural: propõe-se que a grande área verde situada atrás do Centro de Convenções seja transformada em um parque diferenciado, com equipamentos de apoio a cultura, história, arqueologia e educação patrimonial uma vez que nesse local está localizado o Antigo Caminho da Várzea, os alicerces da casa grande e as ruínas de estruturas do antigo Engenho do meio.



Figura 6: Destaque para o Eixo Cívico, Centro Cultural e Área de Preservação. Fonte: Adaptado de Plano, 2015.

Consoante ao exposto, observa-se que a equipe liderada por Vilma Villarouco espera que o resultado desse Plano traga a “requalificação de uma área preservando a memória e a identidade local” (Plano, 2015: 32) e transformando o Campus Joaquin Amazonas em um espaço de referências culturais para toda a população.

Da mesma forma, nota-se que há uma preocupação por parte da administração da universidade de proporcionar espaços que reforcem esse viés cultural do UFPE. No âmbito desses espaços, destacam-se o Memorial Denis Bernardes, fundado no ano de 2013 com o objetivo de preservar a memória da universidade (Santos e Ribeiro, 2014), destina-se a diversos pesquisadores e alunos, além do desenvolvimento de ações voltadas para a conservação, preservação e comunicação do seu patrimônio, e a Galeria Capibaribe, localizada no térreo do CAC, que serve como local de exposição tanto para os alunos quanto para a comunidade artística local.

Seguindo esse direcionamento já identificado, a área arqueológica possui um grande potencial a ser explorado pela Universidade. Podem ser realizados trabalhos de divulgação interna e externa, voltados para a valorização da história do campus e sobre a história econômica e tecnológica do estado, uma vez que ali funcionou um dos mais antigos engenhos do estado, posteriormente transformado em usina.

Elaboração do Inventário Participativo da UFPE

Para a construção dessa proposta metodológica participativa faz-se necessário apresentar pelo menos uma noção, ou alguns conceitos, sobre as categorias dos bens que irão compor o inventário. Pois, essas categorias são importantes para identificarmos e enunciarmos os bens que existem no campus.

De acordo com o Iphan (2000: 14), falar em referências culturais “significa, dirigir o olhar para representações que configuram uma “identidade” da região para seus habitantes, e que remetem à paisagem, às edificações e objetos, aos “fazeres” e “saberes”, às crenças, hábitos, etc.”. Ainda proposto pelo Inventário Nacional de Referências Culturais - INRC, criado pelo Iphan (2000: 32), o conceito de lugar é entendido como “espaços apropriados por práticas e atividades de naturezas variadas (exemplo: trabalho, comércio, lazer, religião, política, etc.), tanto cotidianas quanto excepcionais, tanto vernáculas quanto oficiais”.

As edificações são o componente principal deste Inventário. E em diversos casos, “são construções e estão associadas a determinados usos, a significações históricas e de memória ou às imagens que se tem de certos lugares, o que as tornam bens de interesse diferenciado para determinado grupo social, muitas vezes independentemente de sua qualidade arquitetônica ou artística” (Iphan, 2000: 31).

Dispostas algumas noções, para a confecção do Modelo de Inventário Participativo, produziu-se um formulário *online* (Figura 7) contendo alguns questionamentos sobre determinados bens culturais da UFPE, a sua funcionalidade, importância e gestão. Isto se faz necessário pela necessidade de saber quais são os interesses e conhecimentos da população acadêmica sobre as características culturais do campus, para assim, propor, futuramente, medidas para uma gestão patrimonial desses espaços e atividades, contribuindo para a sua salvaguarda.

QUESTIONÁRIO DO INVENTÁRIO PARTICIPATIVO DO CAMPUS RECIFE DA UFPE		
Idade:	Gênero:	
Qual o departamento/curso que você trabalha/estuda?		
Qual a sua classe na comunidade acadêmica?		
<input type="checkbox"/> Funcionário Terceirizado	<input type="checkbox"/> Docente	<input type="checkbox"/> Outra
<input type="checkbox"/> Técnico Administrativo	<input type="checkbox"/> Discente	
Há quanto tempo frequenta a UFPE?		
Quais bens culturais você acha importante serem preservados na UFPE?		
Como você avalia a gestão da UFPE em relação ao seu patrimônio?		
Péssima	0 0 1 0 2 0 3 0 4 0 5 0 6 0 7 0 8 0 9 0 10	Excelente
Qual importância você dá aos espaços para eventos da UFPE?		
Baixa	0 0 1 0 2 0 3 0 4 0 5 0 6 0 7 0 8 0 9 0 10	Alta
Você faz outro tipo de atividade na UFPE?		
<input type="checkbox"/> Física	<input type="checkbox"/> Lazer	<input type="checkbox"/> Nenhuma
<input type="checkbox"/> Cultural	<input type="checkbox"/> Curso de Idiomas	<input type="checkbox"/> Outra
Caso faça alguma das atividades acima, em qual lugar ela é realizada?		
Qual o grau de importância você dá para os seguintes bens?:		
	Hospital das Clínicas (HC)	
Baixa	0 0 1 0 2 0 3 0 4 0 5 0 6 0 7 0 8 0 9 0 10	Alta
	Instituto de Antibióticos	
Baixa	0 0 1 0 2 0 3 0 4 0 5 0 6 0 7 0 8 0 9 0 10	Alta
	Biblioteca Central (BC)	
Baixa	0 0 1 0 2 0 3 0 4 0 5 0 6 0 7 0 8 0 9 0 10	Alta
	Centro de Artes e Comunicação (CAC)	
Baixa	0 0 1 0 2 0 3 0 4 0 5 0 6 0 7 0 8 0 9 0 10	Alta
	Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH)	
Baixa	0 0 1 0 2 0 3 0 4 0 5 0 6 0 7 0 8 0 9 0 10	Alta
	Centro de Tecnologia e Geociências (CTG)	
Baixa	0 0 1 0 2 0 3 0 4 0 5 0 6 0 7 0 8 0 9 0 10	Alta
(Continuação) Qual o grau de importância você dá para os seguintes bens?:		
	Jardim de Bule Marx (Turismo e Hotelaria)	
Baixa	0 0 1 0 2 0 3 0 4 0 5 0 6 0 7 0 8 0 9 0 10	Alta
	Área Arqueológica do Arruado	
Baixa	0 0 1 0 2 0 3 0 4 0 5 0 6 0 7 0 8 0 9 0 10	Alta
	Canal do Cavouco	
Baixa	0 0 1 0 2 0 3 0 4 0 5 0 6 0 7 0 8 0 9 0 10	Alta
	Área Natural da UFPE	
Baixa	0 0 1 0 2 0 3 0 4 0 5 0 6 0 7 0 8 0 9 0 10	Alta
	Acervo Paleontológico (CTG)	
Baixa	0 0 1 0 2 0 3 0 4 0 5 0 6 0 7 0 8 0 9 0 10	Alta
Há algum destes bens que você não sabia haver na UFPE? Se sim, qual?		

Figura 7: Formulário utilizado para as entrevistas. Fonte: Autoras, 2021.

Para o desenvolvimento da atividade, foram definidas algumas etapas para o desenvolvimento do Modelo de Inventário Participativo: a) averiguação do objetivo da pesquisa, ou seja, o entendimento do nível de envolvimento da comunidade acadêmica com os bens culturais do campus; b) o estabelecimento de uma comunicação com a população acadêmica por meio de um questionário; e c) a elaboração de um plano de atividades, isto é, a construção do inventário e o registro das informações.

Assim, o primeiro passo necessário para a construção deste Inventário Participativo foi definir quais são as informações e os bens culturais que iriam estruturá-lo. A primeira parte do formulário consiste em dados gerais, tais como, a classe a que o indivíduo pertence na comunidade acadêmica (discente, docente, técnico administrativo ou funcionário terceirizado), a idade, o gênero, o tempo que frequenta a UFPE e o centro mais frequentado.

A segunda parte se direciona enfaticamente ao Patrimônio Cultural. Para tal, como não há uma lista oficial dos patrimônios da UFPE, optou-se por utilizar os bens listados no Plano Diretor da UFPE como de interesse para preservação. Assim, quem respondesse ao formulário atribuiria um valor (de 0 a 10) que representa o grau de importância dado a cada item.

Desse modo, foram selecionados os bens considerados pelos arquitetos e estudantes de arquitetura que elaboraram o plano diretor da UFPE de 2015, os quais atribuíram a esses bens uma importância histórica, arquitetônica e natural. Como visto nos formulários expostos, são eles: Hospital das Clínicas, Instituto de Antibióticos, Biblioteca Central, Centro de Artes e Comunicação, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, o jardim de Burle Marx presente no Centro de Hotelaria e Turismo, a área arqueológica onde está situada a comunidade do Arruado, o canal do Cavouco e o próprio campus como um bem natural, o que é ressaltado no documento.

Também foi incluído nessa lista o Centro de Tecnologia e Geociências e o seu acervo paleontológico, cuja valorização foi dada pela equipe desta pesquisa, uma vez que o prédio possui valor histórico arquitetônico e o acervo paleontológico significativo valor histórico, natural e científico.

Com as respostas às perguntas da primeira parte do formulário será possível traçar determinados perfis da comunidade acadêmica e fazer associações com as respostas da segunda parte, o que permitirá serem feitas algumas observações e constatações a respeito da valorização dos bens culturais. Por exemplo, talvez ocorra a recorrência de discentes atribuindo

um valor mais alto à Biblioteca Central do que as demais classes acadêmicas, por ser um local mais destinado aos estudantes.

A escolha de tais bens tem o intuito de estimular e direcionar a atenção da comunidade acadêmica para a valorização do Patrimônio Cultural do campus, mas sabe-se da existência de outros bens culturais, como estátuas e museus, que não foram incluídos para não tornar o questionário extenso, mas que podem estar presentes nas respostas das perguntas abertas. As perguntas abertas têm o intuito de permitir ao entrevistado o reconhecimento de outros bens culturais e de outras atividades que não a profissional e/ou acadêmica.

Em seguida, foi discutida a aplicação do formulário, decidindo-se utilizá-lo primeiramente na forma online e posteriormente, ampliar essa aplicação através de entrevistas pessoais para uma melhor aproximação e diálogo com a comunidade acadêmica, além de garantir uma maior cooperação da comunidade – proporcionando resultados mais representativos –, bem como permitir a participação de pessoas com dificuldade de acesso à internet ou que não têm o hábito de abrir e-mail.

O formulário *online* foi confeccionado na plataforma Google Forms, disponibilizado nas redes sociais e enviado aos e-mails de alunos, professores, técnicos administrativos e funcionários terceirizados de todo o campus do dia 28 de março ao dia 29 de abril de 2019.

Resultados e Discussões

Dentro do público definido da pesquisa, observou-se que em todos os grupos de interesse – alunos, professores, técnicos e terceirizados – a utilização de segunda forma de abordagem se mostrou mais ágil e eficiente. Ao final da pesquisa, no período de duas semanas, 80 pessoas haviam respondido ao formulário pessoalmente, enquanto 95 responderam por meio do formulário digital, no período de um mês, o que nos demonstra uma maior eficácia das entrevistas pessoais, o que ampliou consideravelmente o número de respostas permitindo um melhor entendimento sobre as questões presentes no formulário.

Do total de participantes (175), 85 pessoas se identificaram como do gênero feminino e 85 como masculino, 5 preferiram não responder a esta questão. A idade média dos entrevistados é de 35 anos, possuindo variação entre 17 e 69 anos. A partir da recorrência desse último dado foi

possível identificar 3 grupos, com faixas etárias distintas: 1- de 19 a 23 anos (51 pessoas); 2- de 33 a 38 anos (34 pessoas); 3- de 50 a 59 anos (25 pessoas).

No que se refere aos espaços frequentados, há uma grande variação de cursos e departamentos onde trabalham e estudam os membros da comunidade acadêmica que os frequentam (Tabela 1).

Tabela 1: Tabela de Frequência das Classes Acadêmicas nos Centros da UFPE.

DADOS DA COMUNIDADE ACADÊMICA CONSULTADA		
Classe	Quantidade	Centro
Discente	80	CFCH (26); CAC (14); CCSA (3); CTG (18); CCEN (5); CE (4); CCS (7); CECINE (1); CCB (2)
Docente	24	CFCH (10); CCSA (12); CTG (2)
Funcionário Terceirizado	40	CFCH (13); CAC (2); CTG (6); CCEN (4); CE (6); Outros (9)
Técnico Administrativo	29	CIN (1); CFCH (6); CCSA (1); CTG (7); CCEN (3); CE (1); CCM (1); Outros (9)
Outros	2	Nenhum. Funções: Visitante e Segurança Institucional

Fonte: Autoras, 2021.

Também foi possível identificar uma relação entre o tempo de permanência na universidade com o conhecimento dos bens citados na pesquisa (Tabela 2). Observou-se que o quão mais longo é o tempo de permanência da pessoa na UFPE, maior é a quantidade de bens que ela reconhece dentro do campus.

Tabela 2: Tabela de Frequência das Classes Acadêmicas nos Centros da UFPE.

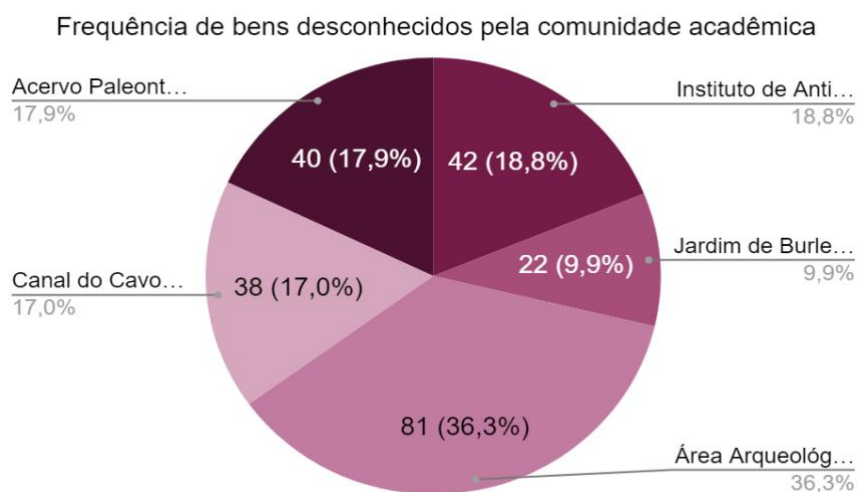
TEMPO DE PERMANÊNCIA	TOTAL DE PESSOAS	QUANTIDADE DE BENS DESCONHECIDOS
Até 05 anos	82	7
De 06 a 10 anos	30	5
De 11 a 15 anos	18	4
De 16 a 20 anos	21	4
De 21 a 25 anos	8	3
De 26 a 30 anos	7	3
Acima de 31 anos	8	2

Fonte: Autoras, 2021.

Em relação aos bens citados como desconhecidos (Gráfico 1), destacou-se o sítio arqueológico de Engenho do Meio, mais conhecido como Arruado, o Departamento de Antibióticos, Acervo Paleontológico do CTG e o Canal do Cavouco. Cabe ressaltar que entre as pessoas entrevistadas foi quase unânime a reação de surpresa e interesse ao saber da existência de um sítio

arqueológico e um parque paleontológico dentro do campus. Muitos queixaram-se da falta de divulgação desses bens, por parte da UFPE, e destacaram que a gestão da universidade precisa desenvolver projetos que visem sua valorização, preservação e publicidade, tanto dentro dos limites do campus quanto para toda a sociedade. Em sintonia com esse fato, destaca-se que a Média da Avaliação da Gestão da UFPE ficou em 5,15, em uma escala de 0 a 10.

Gráfico 1: Gráfico dos bens desconhecidos pela comunidade acadêmica da UFPE.



Fonte: Autoras, 2021.

A posição dos entrevistados dentro das classes acadêmicas utilizadas na pesquisa também se mostrou um ponto de influência. Nota-se que os discentes tendem a desconhecer mais os bens do campus, enquanto os docentes e funcionários terceirizados tendem a reconhecer a maioria deles.

Esse fato também possui influência com o tempo de permanência na universidade, sendo menor no primeiro caso – alunos passam em média 6 anos na UFPE – e maior no segundo – professores passam em média 21 anos e terceirizados 16 anos. Na tabela 3 apresenta-se a relação entre a classe acadêmica e a recorrência, em %, dos bens desconhecidos. Dentre as quatro classes, observa-se a disparidade de valores entre a área arqueológica do Arruado e os demais bens.

Tabela 3: Tabela dos bens desconhecidos pelas classes da comunidade acadêmica da UFPE.

FREQUÊNCIA DOS BENS DESCONHECIDOS PELA COMUNIDADE ACADÊMICA					
	Acervo Paleontológico (CTG)	Canal do Cavouco	Área Arqueológica do Arruado	Jardim de Burle Marx (Turismo e Hotelaria)	Instituto de Antibióticos
Número Total	40	22	81	38	42
Discentes	29%	16%	51%	30%	35%
Docentes	4%	4%	25%	0%	8%
Funcionários Terceirizados	30%	10%	48%	18%	13%
Técnicos Administrativos	14%	10%	48%	24%	21%
Outros	0%	50%	50%	0%	50%

Fonte: Autoras, 2021.

Analisando a recorrência de bens citados como importantes a serem preservados, pôde ser percebida a relação deles com o seu estado atual de conservação e de funcionamento. Os espaços de lazer e cultura, mesmo estando desativados a alguns anos, foram bem avaliados em relação a sua importância para a vida acadêmica da universidade, ficando com uma média de 8,61, também em uma escala de 0 a 10.

Dentre bens materiais e imateriais, as edificações possuíram uma maior taxa de recorrência, aparecendo em 37 do total de resultados, o que reflete em como a comunidade acadêmica analisa a conservação deles. Além dos edifícios, três bens culturais que atualmente estão desativados possuíram um grande grau de recorrência, sendo eles: o laguinho, com 23 respostas; a concha acústica, com 19; e o centro de convenções, com 16.

A relação do público com os bens está ligada ao local de convivência destas pessoas dentro das áreas mais frequentadas, seja por estudo, trabalho, ou outros tipos de atividade, como lazer, atividades físicas, atividades culturais, entre outros. Na tabela (Tabela 4) são listadas as médias do grau de importância de cada bem.

Dentre os 11 bens selecionados pela equipe e citados na pesquisa, apenas 5 deles tiveram dados significativos para serem interpretados (ver gráfico de frequência de bens), sendo eles: Instituto de Antibióticos, Canal do Cavouco, Área Arqueológica do Arruado, Acervo Paleontológico (CTG) e Jardim de Burle Marx (Turismo e Hotelaria). Apesar de apenas esses terem sido selecionados para análise na pesquisa, houve 2 respostas indicando o desconhecimento do Centro de Tecnologia e Geociências (CTG), ambas tendo sido de discentes que frequentam a UFPE há menos de 4 anos.

Tabela 4: Tabela das médias do valor de importância de cada bem da UFPE.

MÉDIAS DO VALOR DE IMPORTÂNCIA DE CADA BEM DA UFPE	
Hospital das Clínicas	7,84
Instituto de Antibióticos	6,14
Biblioteca Central	8,86
CAC	7,74
CFCH	7,80
CTG	7,25
Jardim de Burle Marx	7,22
Arruado	6,34
Canal do Cavouco	7,68
Área Natural	9,10
Acervo Paleontológico	7,47

Fonte: Autoras, 2021.

Com isso, concluímos que o Modelo de Inventário Participativo mostrou ser uma ferramenta eficaz para conhecer e documentar o conjunto de bens culturais que constituem o patrimônio da UFPE assim como a relação da comunidade acadêmica com tais bens, compreendendo o vínculo e a importância do entrevistado em relação a esse patrimônio. Nesse sentido, a continuidade desta pesquisa poderá fornecer novos subsídios para este inventário, de modo a complementar as informações coletadas a partir deste estudo.

Recomenda-se, portanto, que esse inventário seja expandido, com o objetivo de alcançar o maior número de pessoas. A inserção deste questionário do Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (Sigaa) teria o alcance desejado, já que todos os docentes, técnicos e discentes tem acesso ao sistema. Com uma maior participação da comunidade acadêmica na produção do Inventário Participativo, a produção de um Plano de Gestão de Bens Patrimoniais se daria de maneira precisa e em sintonia com os anseios de todos os agentes envolvidos.

Referências

CABRAL, R. C. 2006. Mario Russo: Um Arquiteto Racionalista Italiano em Recife. Recife: Editora Universitária UFPE.

IPHAN. 2000. Inventário Nacional de Referências Culturais: Manual de Aplicação. Apresentação de Célia Maria Corsino. Introdução de Antônio Augusto Arantes Neto. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

IPHAN. 2014. Educação Patrimonial: Histórico, Conceitos e Processos. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Redação DAF-CEDUC.

IPHAN. 2016. Educação Patrimonial: Inventários Participativos. Manual de Aplicação. Texto: Sônia Regina Rampim Florêncio et al. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

MOREIRA, F. D.; CUNHA, R. M. C. da; VIEIRA, L. G. 2019. O Campus da UFPE: Desafios e Perspectivas Futuras. In: 13º Seminário DOCOMOMO Brasil, Salvador.

NITO, M. K.; SCIFONI, S. 2017. O Patrimônio Contra a Gentrificação: a experiência do inventário participativo de referências culturais do minhocão. Revista do Centro de Pesquisa e Formação, n. 5, p. 38-49.

PLANO Diretor. 2015. UFPE – Campus Recife: Proposta Preliminar Para Discussão. Recife: Editora Universitária UFPE.

SANTOS, A. C. de A.; RIBEIRO, E. S. 2014. Imagens Fotográficas: Olhares Sobre a História da UFPE. História Unicap, Recife, v. 1, n. 2, p. 143-152.